[Recensão a] Ceserani, Vattimo, Gnisci, Dal Co, Leonardo express, coordenação de Rita Marnoto

Autor(es): Milheiro, Ana Vaz

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42709>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_1_19

Accessed : 26-Apr-2023 01:03:17

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
em Portugal

Nova Série

Nº 1

2006

sabido, constitui o quadro mais completo da divulgação científica do Portugal das Luzes. Trata-se, no entanto, aqui, apenas de indicar insinuações de leitura, na medida em que o nome ou a obra de Algarotti nunca são explicitamente referidos. A inspiração de outros textos do autor italiano pode ler-se em algumas opções temáticas do oratoriano português, pelo que parece possível suspeitar-se de uma rede de relações entre a cultura italiana e a portuguesa que se prendem, entre outros aspectos, aos mecanismos de divulgação das teorias de matriz newtoniana.

Giuseppe Mea, por seu lado, traz-nos uma perspetivação dos interesses dos portugueses pela língua italiana (num quadro comparativo com o interesse dos italianos pela língua portuguesa, que antecede o nosso) desde o século XVIII até aos nossos dias, através de uma reflexão sobre a emergência dos dicionários bilíngues e das gramáticas, procurando enquadrar as poucas edições de que há memória no contexto histórico-cultural em que afloram. Neste campo, a fixação de numerosas comunidades de italianos no Brasil, a partir

do séc. XIX, constituiu um factor de inegável importância para o aparecimento do primeiro dicionário Português-Italiano (e seu correlativo Italiano-Português), elaborado por Carlo Parlagreco, em 1921, na sequência de quatro anos de actividade de ensino do Italiano no Brasil. De todo este périplo, Giuseppe Mea conclui que o Italiano, em Portugal como no resto da Europa, continua a ser uma língua de elite e não de massas, uma língua de cultura e não de comunicação. Os frequentadores do Curso de Italiano são, na sua maioria, universitários e pós graduados. Oxalá a *Gramática Italiana para Lusófonos*, que o Professor Mea recentemente elaborou e tem nos prelos da Porto Editora, profetize um mais franco acesso dos portugueses à língua italiana e, consequentemente, à sua cultura e à sua literatura.

A terminar, o artigo de Roberto Francavilla, *La letteratura portoghese in Italia oggi*, a comprovar que a pesquisa de todos estes diálogos interculturais não é, naturalmente, uma via de sentido único, nem circunscrita a tempos mais recuados. Embora considerando que a fortuna editorial de Camões em Itália constituiu um

caso exemplar de divulgação da literatura portuguesa nesse país, Francavilla abandona este filão de estudo (depois de, a traços largos, ter demonstrado os seus inícios e a sua vitalidade) para se deter sobre a actividade de tradução e edição, em Itália, de obras de literatura portuguesa relativas ao período que medeia entre o 25 de Abril de 1974 e os nossos dias. Apoiando-se no que considerou como as três categorias fundamentais da mediação cultural entre estes dois países desde o século XVI (poetas, académicos ou homens de letras e viajantes), R. Francavilla traça uma breve história da tradução italiana de obras literárias portuguesas, sublinhando a sua riqueza e actualidade, e não deixando de apontar para uma certa desigualdade de situação, no que se refere à atitude portuguesa no campo da tradução de obras italianas. É que, para Francavilla, a mediação entre campos literários representa “uno dei modi più validi e creativi per superare l’ignoranza e l’incomprensione fra culture”. Seria bom que as políticas editoriais, científicas e de ensino se deixassem impregnar desta convicção...

São, portanto, múltiplas e multi-direccionais as vias de investigação que se iniciam com esta publicação. A sua perspectiva, na riqueza e diversidade que deixam antever, encontrará talvez expressiva explicitação em registo poético, na evocação do título de uma antologia de poemas de Ana Luísa Amaral que, a este propósito, me acode trazer aqui: *E muitos os caminhos...* ISABEL MORUJÃO

Ceserani, Vattimo, Gnisci, Dal Co, *Leonardo express*, coordenação de Rita Marnoto, Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras, Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2004, 145 pp. [série Leonardo, 2]

Leonardo Express é o nome dado a um ciclo de quatro conferências coordenado por Rita Marnoto no âmbito da Programação “Cidade e Arquitectura” de Coimbra Capital Nacional da Cultura que decorreu em 2003. O evento foi transformado em livro, em 2004, numa edição conjunta do Instituto de Estudos Italianos da Faculdade

de Letras e da Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, instituições que integram a Universidade de Coimbra.

Em *Leonardo Express*, quatro pensadores italianos – Remo Ceserani, Gianni Vattimo, Armando Gnisci e Francesco Dal Co – são comentados por quatro críticos portugueses: Carlos Reis, José Manuel Pureza, Jorge Figueira e Manuel Mendes. O objecto é a cidade tratada na perspectiva da crítica italiana contemporânea, pondo a tónica na multidisciplinaridade. Faz-se uso da velha arte da dialéctica.

Leonardo Express tem uma geografia, Itália, e um tempo, a contemporaneidade. Simultaneamente, a Itália utiliza-se aqui como o território matriz da cultura ocidental e o “nosso tempo” funciona como prova da a-temporalidade dessa mesma cultura. Nesse sentido, *Leonardo Express* é uma aproximação ao sentido mais “clássico” da identidade cultural do Ocidente. Que se tenha realizado em Coimbra, cidade que serviu de fundação à universidade portuguesa, é significativo.

Em causa estão as visões de cidade expostas em *Leonardo Ex-*

press, cada uma delas gerida por sistemas “próprios” de decodificação, não só pessoais (ou autorais), mas também disciplinares. Por detrás, enquanto suporte estrutural, o mundo infinito das humanidades: a Filosofia, a Linguística, a Literatura, a Arquitectura... Áreas que possibilitam criar imagens – quer através da manipulação das palavras, quer mediante o desenho e os seus códigos. Em *Leonardo Express*, a cidade é uma construção de significados indeterminados, para lá da sua realidade física, das suas redes, das suas infra-estruturas, dos seus sistemas de transportes, da sua sinéctica, dos seus edifícios.

Os quatro pensadores italianos desafiam-nos (no papel de interlocutores) através do uso da “imaginação”; mas não é uma imaginação desregrada ou sem controlo, é uma imaginação “racionalizada”, moldada pelos limites da verbalização, dos conceitos dos filósofos, das efabulações dos escritores ou dos riscos dos arquitectos. Porventura, seguindo a definição de Viollet-le-duc – “a imaginação só pode seguir o caminho traçado pela razão” (*Dicionário...*, 1854-1868) – que é consciência do sentido lógico a

que a criatividade está sujeita para que possa ter consequências.

Há, fortíssima, uma mesma racionalidade que atravessa os quatro autores italianos.

Estes textos são exercícios demonstrativos – em absoluto – de um modo de pensar (“ocidental”). Ceserani, Vattimo, Gnisci ou Dal Co só na superfície falam de cidades diferentes: “As cidades como os sonhos são construídas de desejos e de medos, embora o fio do seu discurso seja secreto, as suas regras absurdas, as perspectivas enganosas, e todas as coisas escondam outra”. (Calvino, cit. por Ceserani, p. 33). À cidade metafísica (abstracta) de Ceserani que recorre às palavras de Calvino – o autor que está no centro da sua exposição –, responde Carlos Reis com um argumento palpável, objectivo: “Não leio um relato de cidade sem ter presente Angra do Heroísmo, a minha primeira cidade” (p. 40). Se os antecedentes fornecem as construções, também condicionam as leituras. Às vezes, muitas mesmo, a realidade é inferior à expectativa. Reis fala-nos dessa sensação que pode ser de perda.

A função dos comentadores não é somente esclarecer ou

encaminhar. Na verdade, os comentários constituem aqui uma espécie de “livro” alternativo, de viagem paralela, traçada na oblíqua, que, confirmando o classicismo latente no discurso de cada um dos pensadores italianos, se manifesta na colocação de uma réplica, de uma interpelação. A qualidade da interpelação faz, precisamente, parte do brilho do orador “principal”; um velho artifício “ocidental” que colabora com o aprofundamento do conhecimento científico. Como processo, é sinal de civilização e, por consequência, de urbanidade. “A polis multidimensional há-de ser mosaico e não quadro monocromático. Há-de ser constelação e não corpo. Há-de ser multicultural e não denominador comum”, diz-nos José Manuel Pureza (p. 59), a propósito da reflexão de Vattimo em torno da tradição filosófica italiana. A centralidade europeia – por via “italianizante” – é consciência activa da multiplicidade, até pela evocação da sua hipotética decadência, consubstanciada nas visões romanesecas do Império, da romanização que estaria na raiz de tudo (de “nós”).

Se, como evoca Gnisci, “Roma é o lugar da maior exposição, fundada, vivida, vivente, do império do homem” (p. 76) – condição que reforça a sua centralidade e a sua pluralidade; outros “lugares”, fora das fronteiras da Europa, reinventam essa circunstância, mesmo que seja como expressão do seu “avesso”, como aponta Jorge Figueira: “Em São Paulo, as paredes são percorridas por anúncios de tinta, *néons* com caligrafia humana. O engenho aguça a necessidade e o engenho floresce no cimento pobre” (p. 89).

A cidade dos homens é a expressão do engenho. As carências tornam a arquitectura uma manifestação do útil. Para Francesco Dal Co, “as obras que os arquitectos desenham, uma vez acabadas, entram no circuito da vida e do mundo, transformam-se, e passam a fazer parte do consumo e daquele confronto entre a construção e o tempo” (p. 95). Se é Scarpa que Dal Co menciona, então torna-se merecedor da réplica de Fernando Távora, na voz de Manuel Mendes: “Não me apaixono muito pelas ideias, mas pela maneira como as ideias são expostas” (p. 112). O livro

“Leonardo Express” demonstra exemplarmente isso. ANA VAZ MILHEIRO

Dino Buzzati, *O Deserto dos Tártaros*, tradução de Margarida Periquito, Lisboa, Cavalo de Ferro Editores, 2005, 235 pp.

A edição em Portugal de Dino Buzzati (1906-1972) é parca e muito irregular: quinze anos após a tradução carioca de *O Deserto dos Tártaros* (Rio de Janeiro, 1945?), a colecção Os Livros das Três Abelhas, de Publicações Europa-América, oferecia-nos *O Homem da Montanha* (1960; *Barnabo delle Montagne*) e, em 1963, aquele clássico de 1940, reimpresso em 2005, mas longe da qualidade do texto aqui em apreço. *Um Amor* (Ulisseia, 1967, 1974) torna-se de leitura morosa e indigesta, tão alheia se dá a melodia buzzatiana; com o conto “Sete andares” (“Sette piani”), em *Ficções* 3, Abril de 2000, e “Escravo” (Schiavo”), no número especial *Ficções de Comer* (Verão de 2002), ambos por Clara Rowland (agora, vale a pena começar a citar as tradutoras), entra-se em nova fase, de que Margarida Periquito – entre-

tanto, cotradutora de *Os Sete Mensageiros* (Cavalo de Ferro, 2005) – é nome cimeiro.

Mais inclinada a versões do inglês e do italiano, deu-nos, aqui, clássicos, como Boccaccio, Leopardi, Collodi, ou Indro Montanelli e Romana Petri. O maior desafio, porém, está em curso, com *Orlando Furioso*. Quanto a *O Deserto dos Tártaros*, é um fluir conseguido, que alguns cuidados de virgulação própria do português (pecado também na badana da contracapa) teriam melhorado. Mas veremos casos substantivos.

Pela afeição que dedico ao modo realista desta prosa, tenho dificuldade em compreender os lugares-comuns da crítica, quase diria, da crítica de badana: “Sempre no seu estilo inconfundível, que não obedece a modas e etiquetas, explora uma visão fantástica e absurda do real”. Isto nada diz, e, contradizendo-se, cataloga Buzzati. O processo é, resumida e grosseiramente, este: o tenente Giovanni Drago despede-se, aos 21 anos, da mãe e de um amigo, dirigindo-se à Fortaleza Bastiani. O que tanto esperara vem tingido de “um vago pressentimento de coisas fatais” (p. 7), que se tornará, quase no final, “pressenti-

mento profundo de coisas fatais” (p. 206). Neste registo se locomove a biografia de Drogo, em quadradinhos de vida – perdendo-se no caminho; no primeiro embate com as muralhas; aos três meses, na inelutável decisão de ficar; quatro anos depois; com mais de quarenta; aos cinquenta e quatro; no derradeiro sorriso...

Nesse “rio do tempo” (p. 83) ou “rio da vida” (p. 209), mais importante do que ir a major e a segunda figura de comando inútil, é vermos os outros na sua relação com o herói, ou deste alheando-se: as licenças em casa corroboram a gradual ausência de si (e mais na estranheza que lhe causam a mãe, irmãos, amigos, antiga namorada), que o narrador lembra de três maneiras: pelo sonho (capítulo XI) e permanente rememorar; pelas interpelações directas à personagem; e quando no-lo esconde (capítulos XII, XIV) ou se vê escorrer para outrem (cap. XII) e, deste, de novo, para si (cap. XV). Nesta altura, a meio livro, perfeitos quatro anos e olhados os mortos – em particular, Angustina, e o seu nobre exemplo, qual príncipe Sebastião (p. 136-137) –, apressa-se o